

**Metodologias alternativas para o ensino de regionalização do Brasil***Alternative methodologies for the teaching of Brazil regionalization*Gabriela Rodrigues da Silva<sup>1</sup>  
Marco Aurélio Gordiano Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** O trabalho posto se volta à investigação de práticas pedagógicas mobilizadas por professores de geografia ao tratar da temática Brasil: Diversidades Regionais. Nesse sentido, se entrevistou um professor de geografia da E.E Pedro Lessa em São Miguel do Anta (MG), a fim de que se tratasse da regionalização adotada em suas aulas para os sétimos anos, isto é, se empregava a do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a de Pedro Pinchas Geiger e (ou) a de Milton Santos e Maria Laura Silveira. Ademais, se indagou os recursos didáticos empregados pelo professor, tal como pesquisa, elaboração de resumos e mapas-mentais, seminários, etc. A partir de suas respostas e da Base Nacional Comum e Curricular, se estruturou uma proposta didático-pedagógica que atendesse às necessidades educacionais dos estudantes do sétimo ano, privilegiando o emprego de Croquis, Jogos Digitais e Pesquisa.

**Palavras-chave:** Metodologias de ensino. Geografia. Regiões do Brasil.

**Abstract:** The work focused on investigating pedagogical practices mobilized by geography teachers when they work with the theme Brazil: Regional Diversities. In this sense, a geography teacher from E.E Pedro Lessa in São Miguel do Anta (MG) was interviewed, in order to discuss the regionalization adopted in his classes for the seventh years, that is, if he used that of the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), that of Pedro Pinchas Geiger and/or that of Milton Santos and Maria Laura Silveira. Furthermore, the teaching resources used by the teacher were investigated, such as research, preparation of summaries and mind maps, seminars, etc. Based on their responses and the Base Nacional Comum e Curricular, a didactic-pedagogical proposal was structured to attend the educational needs of seventh-year students, favoring the use of Croquis, Digital Games and Research.

**Keywords:** Teaching methodologies. Geography. Regions of Brazil.

**Introdução**

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-9287-5709>>. E-mail: gabriela.r.rodrigues@ufv.br.

<sup>2</sup> Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa. Professor de Educação Básica na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. E-mail: marco.geoufv@gmail.com.

Primeiramente, se trata da concepção reducionista de que o ensino de geografia se apresenta, tão somente, como a transposição didático-pedagógica das categorias de análise e conteúdos advindos da geografia acadêmica, sendo assim, sua abordagem se daria de forma eminentemente a-crítica, descritiva e mnemônica, sustentada por uma tradição geográfica que promove a dicotomia sociedade-natureza, a desarticulação de conteúdo-realidade e a mínima aplicabilidade cotidiana dos tópicos apreendidos. Em virtude disso, Cavalcanti (2010) estabelece a essencialidade em se mobilizar linguagens "alternativas", tal como filmes, documentários, músicas, fotografias, textos jornalísticos, teatro, charges, histórias em quadrinhos, jogos digitais e internet, de modo a oportunizar uma abordagem interdisciplinar, correlacionar razão e sensibilidade, favorecer a apreensão de conhecimento conceitual e síntese na comunicação. Não obstante, esses recursos de expressão e mediação devem ser conectados ao conteúdo, almejando a construção do saber sistematizado.

Assim sendo, o trabalho se volta à compreensão das metodologias de ensino mobilizadas no tratamento da unidade temática "Brasil: diversidades regionais". Dessa forma, se entrevistou um professor de geografia da E.E Pedro Lessa, em São Miguel do Anta, Minas Gerais, de modo a apreender a regionalização empregada em suas aulas, isto é, se o referido abordava de forma concomitante ou isolada a proposta do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1941), as regiões geoeconômicas de Pedro Pinchas Geiger (1967), e as unidades territoriais delimitadas por Milton Santos e Maria Laura Silveira (2001). Outrossim, consciente da utilização dos livros didáticos, buscou-se destacar os demais recursos pedagógicos empregados, assim como os ambientes da escola visitados ao longo da sequência de aulas. Para além, pelas generalizações e simplificações vinculadas a temática diversidades regionais, aferiu-se os estereótipos e a estagnação presentes na discussão e os caminhos

percorridos pelo professor na atualização dos conteúdos e desconstrução de estigmas.

À vista das respostas do professor e dos encaminhamentos da Base Nacional Comum Curricular (2018), se estruturou uma proposta didática que pudesse desenvolver integralmente as habilidades sugeridas para os estudantes do sétimo ano do ensino fundamental II, dando devida importância a essencialidade de analisarem a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação econômica, social e territorial do Brasil, a partir da compreensão dos conflitos e tensões históricas e contemporâneas, assim como de elaborarem e interpretarem mapas temáticos e históricos, de modo a identificarem padrões, regionalizações e analogias espaciais. (Brasil, 2018, p. 387). Assim sendo, ao longo das aulas expositivas e dialogadas, dar-se-iam 3 atividades práticas de caráter colaborativo, interativo e lúdico, sendo que a primeira se volta a solidificação dos conceitos de região e regionalização por intermédio da confecção de croquis das regiões econômicas do município de residência dos educandos. A segunda, constituída para a revisão dos conteúdos ensinados, se apresenta no formato de um jogo digital de "Perseguição no labirinto". Por fim, se tem uma atividade amparada na indispensabilidade de se valorizar o patrimônio ambiental, cultural, econômico e histórico das distintas regiões do país, através de pesquisas no laboratório de informática e da confecção de *lapbooks*.

## **Metodologia**

O trabalho posto apresenta base teórico-conceitual qualitativa, na medida em que advoga para a existência de uma inter relação dinâmica entre mundo (universal) e sujeito (singular), estabelece a interdependência entre sujeito (pesquisador) e objeto (pesquisado), além de se abster a uma postura interpretativa, ou seja, ao desvendamento de um campo de atividades que apresenta conflitos e tensões internas. Posto isto, há

inegável preocupação com o processo (percurso), em detrimento dos resultados, orientando-se ao ambiente natural e social como fonte direta de dados (Ramires; Pessôa, 2013). Para além, os procedimentos metodológicos adotados foram a entrevista estruturada e a revisão de literatura.

De acordo com Lakatos e Marconi (2007), a entrevista é um encontro entre duas pessoas com a finalidade de que uma delas logre informações a respeito de um determinado assunto. Posto isto, indica-se que o procedimento é utilizado na investigação social, coleta de dados, diagnóstico e tratamento de um problema social. No que se refere a entrevista estruturada se diz que é aquela em que o entrevistador irá seguir um roteiro previamente estabelecido, de modo a se obter informações precisas, gestos, reações etc., que possam ser analisadas a partir da revisão bibliográfica. Nesse contexto, para a compreensão de como se dá o ensino de regionalização do Brasil, elaborou-se 20 questões concisas acerca da abordagem adotada pelo professor (a do IBGE, Geiger ou de Santos e Silveira), os recursos didático-pedagógicos mobilizados para ministrar e avaliar o conteúdo, e se o mesmo encontrava estigmas, incongruências e estereótipos ao referir-se a alguma das regiões do Brasil. A entrevista foi realizada, via Google Meet, em maio de 2023, sendo as respostas do professor anotadas para posterior análise.

A partir da descrição da entrevista, optou-se por constituir uma proposta didática que pudesse ser compartilhada e oferecesse retornos satisfatórios e significativos ao professor (e demais profissionais da educação), de modo que fosse considerada a realidade da escola, seus horários, número de alunos, conteúdo programático, etc. Assim sendo, recorreu-se a pesquisa bibliográfica que, segundo Mattos e Castanha (2008), consiste na leitura e fichamento de material bibliográfico que beneficiará a redação do estudo. Nesse contexto, a busca por materiais escritos, ditos e filmados direcionou-se a metodologias alternativas de ensino que pudessem atender diretamente às habilidades indicadas pela



Base Nacional Comum Curricular de 2018, tal como os croquis cartográficos, os jogos digitais e a pesquisa.

Isto posto, aspira-se que essa investigação desemboque em outros trabalhos de cunho teórico-prático que apresentem metodologias alternativas passíveis de serem mobilizadas por professores, dos mais distintos contextos, em prol do reconhecimento das limitações do ensino tradicional de geografia, e do enriquecimento sócio-cognitivo e emocional de seus estudantes.

### **Resultados e discussão**

Em 17 de maio de 2023, entrevistou-se um professor de geografia da E. E. Pedro Lessa, localizada no município de São Miguel do Anta, Minas Gerais. A partir de questões previamente estruturadas, ansiava-se por inferir a forma como têm-se desenvolvido o ensino da regionalização brasileira na educação básica, sobretudo, ao tratar-se dos critérios de divisão regional, tal como os físico-naturais e geoeconômicos, e da disseminação de visões estagnadas e estereotipadas acerca das regiões brasileiras. Posto isto, a seguir, apresenta-se, de forma sintética e ordenada, o conjunto de respostas do convidado.

Inicialmente, o educador diz abordar a temática Regionalização do Brasil para os sétimos anos do Fundamental II, de modo que emprega, maiormente, a regionalização proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 1970, e a divisão regional geoeconômica, estruturada por Pedro Pinchas Geiger, em 1967. Não obstante, diz mobilizar pontualmente as contribuições de Milton Santos, esse adotando como critério a irradiação do meio-técnico-científico-informacional no território nacional. Para além, o professor discorre que, os critérios de localização e proximidade geográfica, entre os estados que formam uma região, são os que mais adota em sua prática cotidiana, já que seus alunos encontram inúmeras dificuldades ao tratar-se da orientação geográfica (pontos

cardeais e colaterais) e de sua articulação à disposição dos estados no mapa político-administrativo do país. Ademais, critérios econômicos e físico-naturais são corriqueiramente destacados.

Em relação ao livro didático, este expõe-se como um grande crítico, posto que entende-os como “limitadores do conhecimento dos alunos” e “vinculadores de atividades que colocam-se afastadas da realidade vivida pelo estudante”. Em contrapartida, a escola disponibiliza e cobra a utilização do livro didático “Teláris”, organizado por J. W. Vesentini e Vânia Vlach e publicado pela Editora Ática. Assim sendo, por tratar das macrorregiões geoeconômicas, da regionalização oficial do IBGE e do trabalho de Milton Santos e Maria Laura Silveira, o professor tende a aproveitá-lo, desde que associado a outros recursos didáticos-pedagógicos, tal como dos mapas nacionais, regionais e municipais presentes na escola, do laboratório de informática para a pesquisa e sistematização de informações textuais e gráficas e o acesso a softwares gratuitos como o Google Earth e o Google Maps, de resumos, mapas mentais etc. À vista disso, seu objetivo central coloca-se como o de romper com a monotonia da sala de aula e promover uma maior interação prática com aquilo que está sendo estudado.

Por conseguinte, o educador discorre que o tratamento do conteúdo pressupõe o planejamento de duas a três aulas, já que precisa salientar as características Geoeconômicas e Morfoclimáticas das regiões, sendo que, no livro didático, a apresentação desses tópicos é realizada de modo acrítico, descontextualizado e fragmentado, havendo a obrigatoriedade de que o professor de geografia busque, através de outros recursos, a conexão entre as características físicas e os velhos e novos usos da terra. A fim de exemplificar, indica a inserção do Norte de Minas na macrorregião do nordeste, uma vez que seus aspectos climáticos e o “arcaísmo econômico” assemelham-se mais a essa região do que ao centro-sul, o que acaba por desrespeitar os limites políticos-administrativos precocemente estabelecidos, confundindo os estudantes.

No que tange a avaliação da aprendizagem, o professor diz propor atividades teórico-práticas, não desprezando o papel assumido pelos conceitos, mas ratificando que as atividades de pesquisa (no laboratório de informática) e intervenção (elaboração de resumos e sua apresentação) facilitam a memorização dos conteúdos. Outrossim, em relação a vinculação de fatos desatualizados e de estereótipos, se diz que há a preocupação em ressaltar a importância de cada região para o desenvolvimento econômico e social do país, na mesma medida em se colocam as dificuldades e limitações, tal como a desigualdade de renda e a concentração de terras. Para proporcionar a desmitificação, em uma atividade realizada anteriormente, o professor pediu para que os alunos delimitarem os principais setores econômicos de cada região, de modo que descobrissem a industrialização do nordeste, o aprimoramento de sua agricultura, a oferta de serviços especializados e o diferencial representado pela produção de energia eólica.

Similarmente, discute-se que a região Nordeste é a mais afetada por estigmas, sobressaindo os problemas da “seca e da fome”. Não obstante, o livro “Teláris”, empregado pelo professor, busca a atualização desse cenário, indicando a existência de áreas industriais, do comércio intenso, de estações de metrô, agricultura de ponta, etc. Desse jeito, o professor fala de sua busca constante por formação, realizando a leitura de artigos científicos e a investigação de sites na internet, a fim de não reproduzir tão somente o que se expressa no manual didático. Uma experiência recente e exitosa foi a de estabelecer uma transmissão ao vivo, via Google Meet, com um amigo da Bahia, inferindo das particularidades econômicas e sociais do estado, o que tem se repetido para outras localidades.

Por último, questionou-se supostas práticas de ensino que este gostaria de estar empregando para o ensino dessa temática, todavia, o mesmo assinalou que sua postura didático-pedagógica, sustentada por idas ao laboratório de informática para pesquisas, a exposição de vídeos, mapas, slides etc., têm sido suficiente para que os alunos obtenham bons

resultados. Apesar disso, se houvesse financiamento, permissão e tempo, este diz que a prática de trabalhos de campos, nas diferentes regiões do país, contribuiria significativamente para a aprendizagem dos estudantes do sétimo ano.

A partir da entrevista com o professor, se diz que o ensino da regionalização brasileira é realizado por intermédio de aulas expositivas, com pontuais intervenções dos estudantes. Todavia, a avaliação desses conteúdos apresenta-se de maneira ativa, crítica e propositiva, de modo que os alunos devem aprofundar os conhecimentos e adquirir novas informações a partir de pesquisas em sites da internet, livros e revistas, com a posterior organização em resumos e mapas-mentais.

Não obstante, a Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 382) estabelece que no 7º ano do ensino fundamental II, devem ser abordados os tópicos referentes à formação territorial do Brasil, sua dinâmica sociocultural, econômica e política. Em igual medida, trata-se da primordialidade em se conceber as conexões existentes entre os componentes físico-naturais e as múltiplas escalas de análise, as transformações no federalismo brasileiro e os usos desiguais do território. Assim sendo, indica-se a utilização das habilidades EF07GE01, EF07GE02, EF07GE07, EF07GE08 e EF07GE09 na estruturação da proposta didática, sendo que a primeira refere-se a avaliação de idéias e estereótipos acerca das paisagens e da formação territorial do Brasil; a segunda trata da análise da influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil a partir da compreensão dos conflitos e tensões históricas e contemporâneas; em terceiro e quarto indicam-se a análise da influência e papel das redes de transporte e de comunicação na configuração do território brasileiro, em igual medida, busca-se a compreensão do processo de industrialização e inovação tecnológica em relação às transformações socioeconômicas do território brasileiro; por último, infere-se a necessidade de se elaborar e interpretar mapas



temáticos e históricos a fim de se identificar padrões espaciais, regionalizações e analogias espaciais (Brasil, 2018, p. 387).

À vista disso, a proposta didática sustenta-se no trabalho com o livro didático “Teláris”, a mobilização das estratégias de ensino-aprendizagem aplicadas pelo educador de geografia, isto é, pesquisas em sites da internet e elaboração de resumos, e, por fim, a sugestão de 3 atividades práticas de caráter cooperativo, interativo e lúdico. Ressalta-se que a intenção de se propor 3 atividades sequenciais está amparada na concepção de Gonçalves (2015) de que a incompreensão das propostas de atividades por parte dos alunos se sustenta em ações isoladas que não os movimentam verdadeiramente, tal como ler e copiar um texto, formular e responder perguntas, conceituar e definir termos, participar de projetos e estudar para provas institucionais. Dessa forma, se faz comprometida a autonomia do estudante, já que não encontram-se entusiasmados ou compreendem os objetivos do professor com determinada tarefa. Em igual medida, tal como propõem Grigolon *et al.* (2019), as atividades a seguir colocam o educando enquanto protagonista do processo de ensino-aprendizagem, sendo o professor o responsável por criar as condições que irão engajar os estudantes no processo educativo.

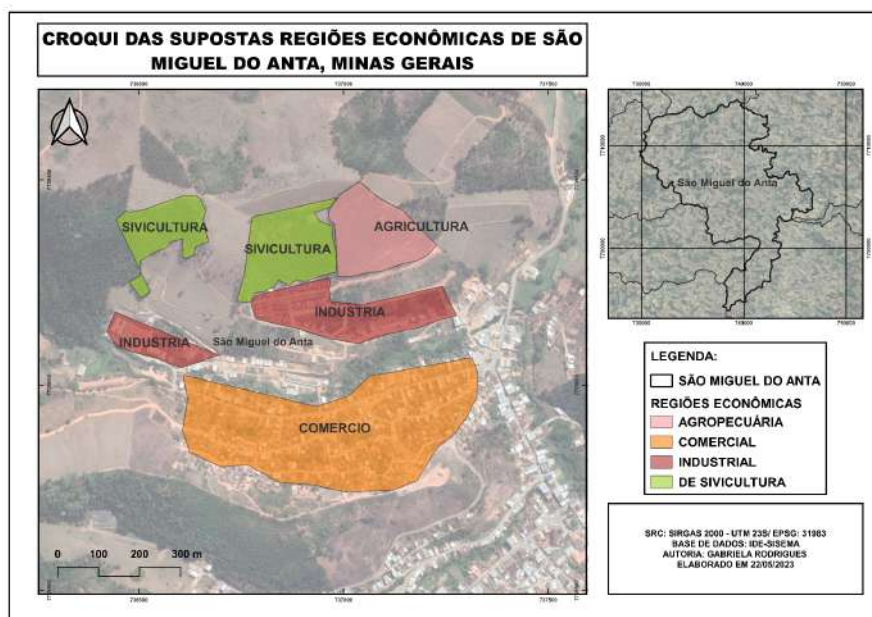
Sendo assim, essa sequência de aulas seria alicerçada na temática “Brasil: diversidades regionais”, de modo que as macrorregiões do Brasil, isto é, norte, nordeste e centro-sul, têm seu enfoque principal. Por ter se imaginado um total de 6 aulas de 50 minutos, inicialmente, trabalhar-se-ia com o conceito de região e os critérios adotados para a regionalização. Na sequência, com o Nordeste, destacando sua formação histórico-territorial, as migrações, os aspectos físico-naturais, as sub-regiões, a recente dinamização econômica e a desigualdade social. Ao se tratar do Centro-Sul, aponta-se para a importância econômica, social e política, para seu meio físico-natural e principais unidades espaciais. Por último, no que se refere a Amazônia, dar-se-á protagonismo a sua extensão, densidade demográfica,

aspectos físico-naturais, atividades econômicas desenvolvidas e impactos ambientais correspondentes.

Nesse contexto, ao finalizar a explicação da categoria de análise (região) e do procedimento metodológico de diferenciação de áreas (regionalização), o professor voltar-se-ia à solidificação dos tópicos de ensino por intermédio da confecção de croquis das regiões econômicas do município em que se vive. Essa avaliação está angariada na perspectiva de Callai (2005) de que o desenvolvimento da capacidade de representação do espaço vivido deve amparar-se na realidade concreta da criança, a fim de capacitá-la para a leitura do mundo, favorecendo a atenção, crítica, explicação e solução sobre os aspectos que não são vistos. Igualmente, Júnior e dos Santos (2022) reconhecem a cartografia como conteúdo importante no escopo da geografia escolar, visto que expõe-se como um meio de comunicação que facilita a obtenção e a análise das informações organizadas espacialmente, assim sendo, os croquis, em sala de aula, constituem-se como recurso catalisador da participação ativa do aluno, possibilitando a apreensão de novos conhecimentos e seu desenvolvimento cognitivo.

Logo, propõe-se que a partir dos conhecimentos sobre o município em que vivem, sobretudo, das atividades econômicas de maior destaque e de suas localizações, que o estudante delimite em uma imagem de satélite colorida as principais regiões econômicas de seu município, criando uma legenda que aponte para a existência da região industrial, comercial, agropecuária, residencial, etc. Posto isso, é essencial que, para além da imagem de satélite impressa, os alunos possam ser dirigidos até o laboratório de informática da escola, com a finalidade de utilizarem o Google Earth <<https://earth.google.com/web/>> e Google Maps <<https://www.google.com.br/maps>>, para melhor visualização e localização dos pontos sobre a superfície terrestre, assim sendo, há grandes chances de que seus croquis apresentem maior acurácia (Ver Mapa 1).

**Mapa 1:** “Supostas regiões econômicas de São Miguel do Anta, Minas Gerais”, realizado no software Qgis

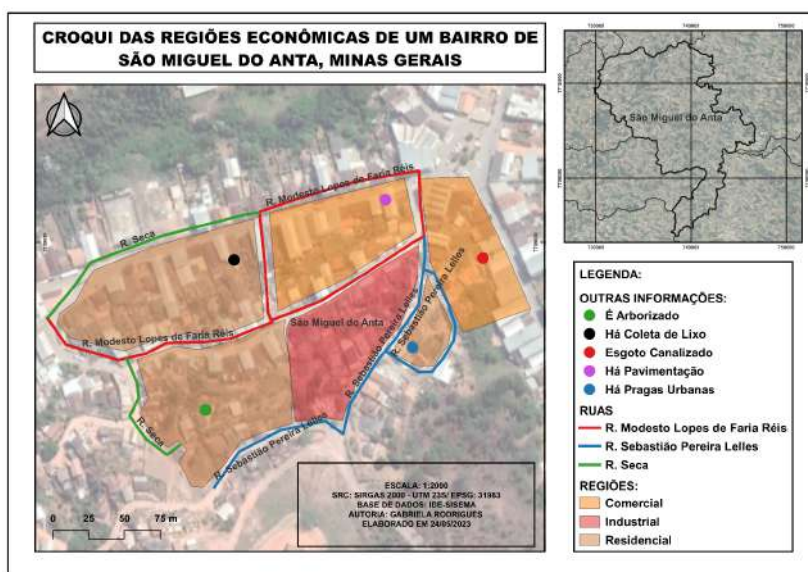


**Organização:** Os autores, 2023.

Outrossim, ao invés da escala municipal, o professor poderia propor o delineamento de “áreas centrais” e “áreas periféricas” de um bairro, de acordo com seu nível de desenvolvimento econômico e social, isto é, a aparência das casas, a presença de comércios, de áreas verdes e de espaços de lazer, se há ou não coleta de lixo e encanamento do esgoto, se as ruas são pavimentadas etc. (Ver Mapa 2). Dessa maneira, reforça-se que o objetivo dessa atividade está em desenvolver nos alunos, a partir da ação mediadora do professor, as funções psíquicas superiores, isto é, o aprendizado de conceitos científicos mais elaborados do que àqueles do senso-comum, pressupondo sua capacitação quanto às habilidades de abstração e generalização, afinal, se estes conseguirem apreender os critérios para a diferenciação de áreas em seu municípios, poderão, logicamente, aplicá-lo para o restante do Brasil e mundo. (Grigolon *et al.*, 2019).

**Mapa 2:** “Supostas regiões econômicas de um bairro de São Miguel do Anta, Minas Gerais”, realizado no software Qgis.





**Organização:** Os autores, 2023.

De acordo com Mebs (2017), no estágio atual de desenvolvimento econômico e tecnológico, estão emergindo paradigmas educacionais amparados na inserção de tecnologias de informação e comunicação em ambientes educacionais. Sendo assim, o professor deve atentar-se para a finalidade da incorporação dessas ferramentas no processo de ensino-aprendizagem, de modo que as novas tecnologias não sejam mobilizadas em um cenário de ensino tradicional. Em vista disso, a segunda avaliação estruturada expõe-se como um jogo digital de “Perseguição no Labirinto”, podendo ser aplicada antes de se aprofundar os conteúdos de cada uma das macrorregiões, de modo a se diagnosticar o que os alunos sabem sobre o assunto e de que forma o professor deveria estar organizando suas aulas para um maior aproveitamento futuro, ou mobilizada como atividade de avaliação do que os estudantes apreenderam após as aulas sobre os aspectos físicos, econômicos, políticos e sociais do Nordeste, Centro-Sul e Amazônia.

Diante disso, a plataforma Word Wall permite a criação de jogos de pergunta e resposta, da memória, cruzadinhas, perseguição ao labirinto, etc., que podem contribuir maiormente para o aprendizado dessa faixa etária, uma vez que foge da rotina desinteressante e monótona, ampliando



sua capacidade de interpretação de textos e imagens e de cooperação com os demais estudantes. Similarmente, Mebs (2017) discorre que os jogos podem facilitar o processo de ensino-aprendizagem e ainda ser prazeroso, interessante e desafiador, logo, concebe o jogo como um ótimo recurso didático ou estratégia de ensino para os educadores, além de instrumento rico para a construção do conhecimento, posto que a tecnologia dos games é somada a teoria do conteúdo, fazendo com que esse assuma concomitantemente o status quo de atividade cultural e social a favor da aprendizagem e do conhecimento. Adiante, elaborou-se 20 questões acerca da temática regionalização do Brasil, envolvendo conhecimentos trazidos pelo livro didático Teláris (material mobilizado pelo educador convidado). Ademais, configurou-se para que o nível de dificuldade da jogatina fosse de média-alta, a fim de instigar a maior atenção dos estudantes quanto ao conteúdo estudado e seu espírito competitivo. O jogo pode ser acessado a partir do link: <<https://wordwall.net/resource/24838172>>.

**Imagem 1:** Jogo Perseguição no Labirinto com a temática Regionalização do Brasil, elaborado na plataforma Wordwall.



**Organização:** Os autores, 2023.

Dentre as 20 questões elaboradas, as 3 primeiras voltam-se a revisão das 3 formas de regionalizar o Brasil consideradas pelo professor, isto é, a regionalização do IBGE (1941), de Pedro Pinchas Geiger (1967) e de Milton Santos e Maria Laura Silveira (2001), sendo que cada uma das alternativas

apresenta o mapa do Brasil e diferentes critérios de diferenciação de áreas. No segundo bloco, leva-se em consideração os critérios adotados para a divisão regional em cada um dos exemplos anteriores, além de questionar ao estudante em que regiões encontra-se São Miguel do Anta. As questões específicas buscam caracterizar o ambiente, cultura, economia, política e sociedade de cada um das macrorregiões geoeconômicas do país, ou seja, Nordeste, Amazônia e Centro-Sul. Nesse contexto, ratifica-se que essa atitude inovadora pode colocar-se como estratégia para a aprendizagem e motivação estudantil, contribuindo para despertar a curiosidade e interesse pelo conteúdo. Ademais, é provável que culmine em aulas mais tranquilas do ponto de vista comportamental, afinal, alimenta o espírito de coletividade e a cooperação entre os educandos (Mebis, 2017).

A terceira avaliação apresenta caráter multidisciplinar, isto é, há a possibilidade de que o professor de geografia trabalhe em conjunto com os professores de ciências, literatura e história, pois a atividade movimenta a temática de patrimônio ambiental, arquitetônico, cultural, histórico, etc., assim sendo, deveria ser aplicada ao término das 6 aulas e das duas atividades preliminares. Posto isto, utilizar-se-ia do infográfico Patrimônio Cultural do Brasil<sup>3</sup>, da Neoenergia, que indica, no mapa do Brasil, as 22 principais áreas de interesse cultural, natural e misto. Similarmente, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), disponibiliza dados e informações detalhadas acerca de cada uma dessas localidades<sup>4</sup>. A partir disso, o professor dividiria a sala em grupos de alunos, de acordo com as 3 macrorregiões, e, na sequência, os separaria em duplas de estudantes, a fim de que cada dupla pudesse se ater a pesquisa textual e imagética nos sites mencionados, além de buscarem por outras fontes.

A opção pela pesquisa ampara-se nos estudos de Mattos e Castanha (2008) que concebem a pesquisa escolar como um meio capaz de construir conhecimento escolar, melhorar a qualidade do ensino e

---

<sup>3</sup><https://www.neoenergia.com/w/patrimonios-historicos-brasileiros-qualis-sao-caracteristicas-e-curiosidades>.

<sup>4</sup> <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29>.

capacitar os estudantes para pesquisar dentro de princípios e normas científicas. Entretanto, apesar de muito utilizada pelos professores, a mesma encontra-se sendo desenvolvida sem critérios ao referir-se a fundamentos científicos e pedagógicos, posto que o alunado, não sabendo como fazer e onde encontrar materiais sobre os tópicos em estudo, deixam de realizar a atividade ou apresentam cópias fiéis de textos da internet, livros e revistas, visando apenas a obtenção de notas. Igualmente, quando as pesquisas são realizadas em grupo, há uma indiscutível divisão de tarefas, de modo que alguém responsabiliza-se pela pesquisa, outro faz a cópia, e um último a apresentação. À vista desses percalços, a pesquisa preconizada por esse trabalho se pretende ser encaminhada com clareza de objetivos e procedimentos, orientação, e rigor, afinal, entende-se que o recurso pode valorizar os questionamentos, estimular a curiosidade, superar paradigmas, tornar a aula mais atrativa, ampliando o horizonte do estudante e despertando sua consciência crítica em prol da transformação da realidade (Mattos; Castanha, 2008).

A partir da realização da pesquisa, prioritariamente, nos acervos indicados pelo professor, os estudantes fariam a impressão das fotografias e textos, assim como iriam selecionar a cartolina ou papel-cartão, as canetinhas, cola, durex colorido, etc., para a confecção do lapbook. De acordo com Fernandes (2022), da Equipe Sou Mãe, os lapbooks ou "livros de colo" são livros interativos acerca de um determinado tema, estruturados a partir de colagens, ilustrações, dobraduras, desenhos, esquemas, informações, etc. A redatora destaca que a ferramenta é bastante aceita entre os estudantes, uma vez que reforça e revisa o que foi aprendido, estimula a criatividade, são fáceis de serem armazenadas e, corriqueiramente, podem ser mobilizadas para estudo. Sendo assim, os estudantes iriam iniciar a confecção dos lapbooks sobre os patrimônios culturais e naturais das 3 macrorregiões brasileiras, indicando suas características e importância para a constituição e preservação da identidade nacional. Destaca-se ainda que um elemento colocar-se-ia

obrigatório para todos os lapbooks, isto é, a localização do patrimônio em relação ao mapa do Brasil e, se possível, em relação a uma macrorregião de interesse. (Imagem 2).

**Imagem 2:** Lapbook tratando dos patrimônios do Nordeste.



**Organização:** Os autores, 2023.

Em suma, pelo ensino de regionalização dar-se a partir de práticas pedagógicas que desconsideram a participação dos alunos enquanto sujeitos ativos, detentores de interações sócio-históricas para além dos muros das instituições de ensino, preconizou-se a estruturação de uma proposta didática que alcançasse os anseios e necessidades encontradas pelos alunos (Júnior; dos Santos, 2022), segundo a entrevista realizada com o professor da E. E. Pedro Lessa. Em virtude disso, adotou-se, primeiramente, os croquis, afinal esses oportunizam ao estudante exercer a criatividade e participar de modo dinâmico e interativo das aulas de geografia, na sequência, optou-se pela transformação de uma atividade cultural e social, isto é, os jogos digitais, em uma metodologia ativa, criativa, lúdica e prazerosa de ensino. Por último, lançou-se orientações para o aproveitamento e desenvolvimento da pesquisa escolar, nesse caso, voltada para a valorização do patrimônio ambiental, cultural, histórico e social do país.

### **Considerações finais**



A partir da compreensão de que o ensino da maioria dos conteúdos de geografia dar-se-á de forma a-crítica, descritiva, descontextualizada e mnemônica, buscou-se contatar um professor de geografia de um instituição pública de ensino, de forma a averiguar os recursos didático-pedagógicos mobilizados para o ensino de Regionalização do Brasil. Nesse sentido, averiguou-se que no cotidiano, para além da utilização do livro didático Teláris, o professor entrevistado se utiliza de mapas nacionais, regionais e municipais presentes na escola, do laboratório de informática para a pesquisa e sistematização de informações textuais e gráficas, do acesso a softwares gratuitos como o Google Earth e o Google Maps, de resumos, mapas-mentais, etc. Logo, sua abordagem propicia o protagonismo do educando ao tratar-se do processo de ensino-aprendizagem, já que para além das análises, descrições, investigações e reflexões, essas metodologias se voltam à elaboração de um produto final autoral, tal como as pesquisas.

Não obstante, com a pretensão de atender as habilidades propostas pela Base Nacional Comum Curricular para os estudantes do sétimo ano do ensino fundamental II, se estruturou uma proposta didática contendo 3 avaliações de caráter ativo, colaborativo, lúdico e reflexivo, que atendessem ao contexto da E.E Pedro Lessa e se adaptasse às particularidades sócio-cognitivas dos estudantes atendidos pelo professor. Sendo assim, as atividades seriam um croqui cartográfico das regiões econômicas de São Miguel do Anta, um jogo digital de “Perseguição no Labirinto” e uma pesquisa textual e gráfica para a constituição de lapbooks sobre os Patrimônios Ambientais, Culturais e Históricos do país.

Posto isto, a primeira atividade (que voltar-se-ia a operacionalização do conceito de região) segue os pressupostos de Grigolon *et al.* (2019), afinal, se entende a primordialidade de se observar diferentes espaços, sejam eles o bairro, escola, cidade, etc., de modo que possam ser representados em croquis, mapas, fotos e imagens de satélite. A segunda avaliação é planejada segundo Mebs (2017), pois se entende que os jogos

digitais podem facilitar o processo de ensino-aprendizagem, na mesma medida em que são prazerosos, interessantes e desafiadores. Por fim, a terceira atividade (que estaria posicionada no fim da sequência de aulas) é aquela que levaria o educando à investigação, de modo que o professor não difundiria respostas prontas e acabadas antes de o estudante se questionar acerca da extensão de seu conhecimento sobre determinado assunto. Outrossim, esse procedimento alternativo poderia evitar indisciplina em sala de aula e entusiasmar o estudante quanto ao processo de ensino aprendizagem (Mattos; Castanha, 2008).

Finalmente, acredita-se que a sistematização e compartilhamento dessa proposta possa oferecer retornos profícuos para o professor convidado, além de inspirar outros profissionais da educação quanto a elaboração de metodologias de ensino verdadeiramente efetivas, profícuas e significativas.

### Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versao\\_final\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versao_final_site.pdf)>. Acesso em 27 jul. 2023.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino

fundamental. Cadernos CEDES, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, Aug. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7mpTx9mbrLG6Dd3FQhFqZYH/?lang=pt>>. Acesso em 26 jul. 2023.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7167-3-3-geografia-realidade-escolar-lana-souza/file>>. Acesso em 26 jul. 2023.

Conheça os principais patrimônios culturais do Brasil. Sociedade Artística Brasileira (SABRA). Disponível em: <<https://www.sabra.org.br/site/conheca-os-principais-patrimonios-culturais-historicos-do-brasil/>>. Acesso em 26 jul. 2023.

FERNANDES, Ana Paula. Lapbook – o que é? para que serve? e ideias de temas. Sou Mãe. Disponível em: <<https://www.soumae.org/lapbook/>>. Acesso em 26 jul. 2023.

GONÇALVES, Amanda R. A Teoria Histórico-Cultural e o Ensino de Geografia. In: Anais XV Encontro de Geógrafos da América Latina. Cuba: Universidade de Havana, 2015. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Teoriaymetodo/Geografiahistoricaehistoriadelageografia/06.pdf>>. Acesso em 26 jul. 2023.

GRIGOLON, Laís Manesco et al. REGIÃO E REGIONALIZAÇÃO: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE PARA O ENSINO FUNDAMENTAL. Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias, p. 1623-1634, 2019. Disponível em: <<https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/2998>>. Acesso em 26 jul. 2023.

JÚNIOR, Dionel Barbosa Ferreira; DOS SANTOS, Robson Alves. Relato de Experiência no Estágio Supervisionado em Geografia: o croqui cartográfico como recurso metodológico no ensino básico. Geografia em Atos (Online), v. 6, n. 2, p. 45-63, 2022. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/9133>>. Acesso em 26 jul. 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. 5. reimp. São Paulo: Atlas, v. 310, 2007.

MATTOS, Elenir Maria Andreolla; CASTANHA, André Paulo. A importância da pesquisa escolar para a construção do conhecimento do aluno no ensino fundamental. Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Educação do Estado do Paraná, Paraná, p. 1-11, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2525-8.pdf>>. Acesso em 26 jul. 2023.

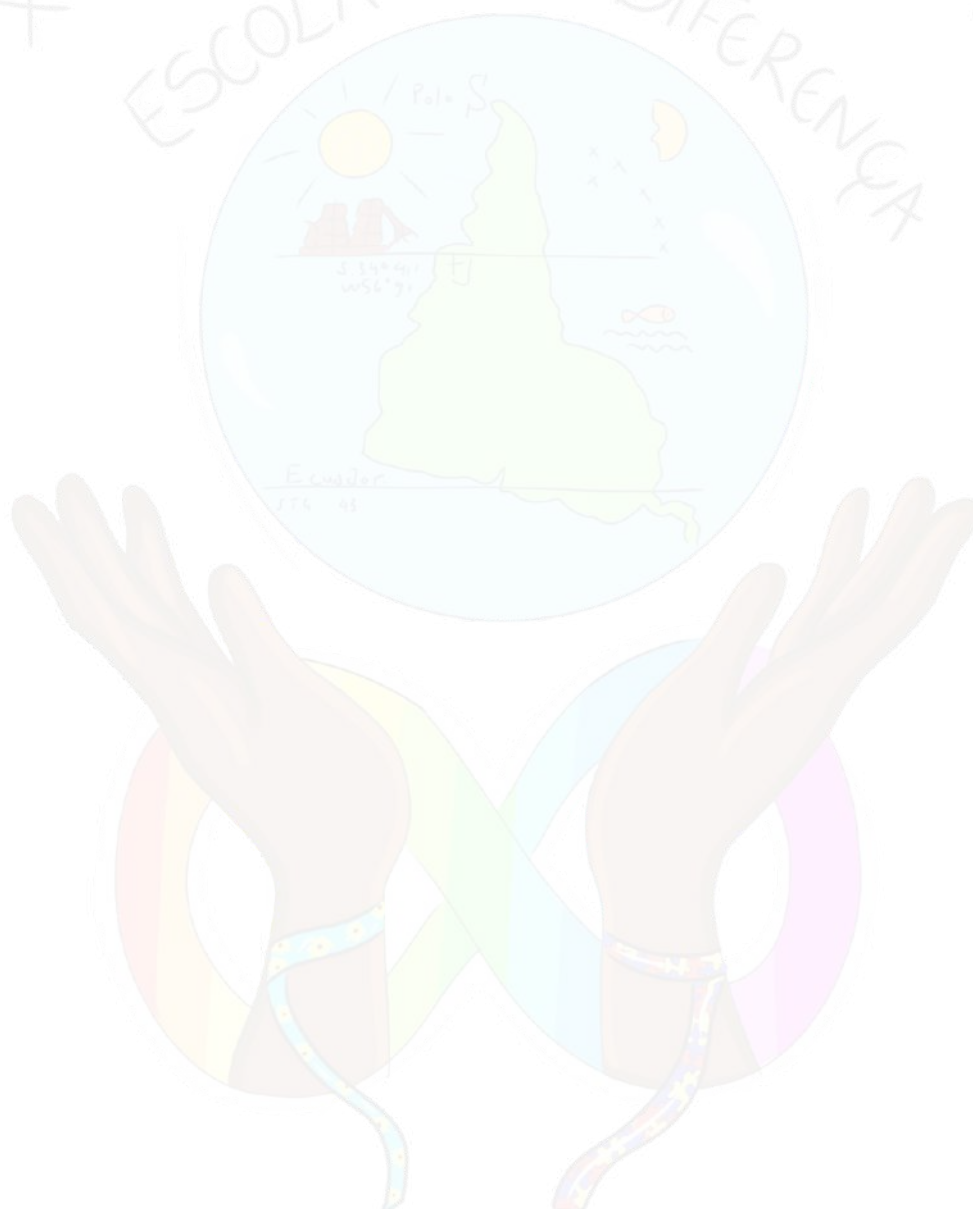
MEBS, Janice Souza. Gamificação dos Setores da Economia-Uma perspectiva no ensino em Geografia. Trabalho de Conclusão de Curso (especialização). Universidade Federal de Santa Catarina. Campus Joinville. 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/182278>>. Acesso em 26 jul. 2023.

Patrimônios da Humanidade no Brasil: 23 lugares que você precisa conhecer!. MELHORES DESTINOS. Disponível em: <<https://www.melhoresdestinos.com.br/patrimonios-da-humanidade-no-brasil-22-lugares-que-voce-precisa-conhecer.html>>. Acesso em 26 jul. 2023.

PATRIMÔNIOS HISTÓRICOS BRASILEIROS: QUAIS SÃO, CARACTERÍSTICAS E CURIOSIDADES. NEOENERGIA. Disponível em: <<https://www.neoenergia.com/w/patrimonios-historicos-brasileiros-qualis-sa-o-caracteristicas-e-curiosidades>>. Acesso em 26 jul. 2023.

Patrimônio Mundial Cultural e Natural. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29>>. Acesso em 26 jul. 2023.

RAMIRES, J.C.L. PESSÔA, V.L.S. Pesquisas qualitativas: referências para pesquisa em geografia. In: MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A., and PESSÔA, V.L.S., comps. Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, pp. 22-35. ISBN 978-85-7511-443-8. <https://doi.org/10.7476/9788575114438.0003>. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/hvsdh>>. Acesso em 26 jul. 2023.







Ao Programa Residência Pedagógica, núcleo Geografia, do qual faço parte desde novembro de 2022.

Ao preceptor do núcleo de Geografia que, de forma atenciosa e comprometida, contribuiu para que o trabalho fosse realizado.

Ao professor Ulysses da Cunha Baggio, responsável por ministrar a disciplina “Regionalização do Brasil”, que inspirou a presente pesquisa.

